

Odette Ernest Dias: sensibilidade(s) a serviço da formação de multiplicadores

Raul Costa d'Avila
UFPel – Flautista e Professor
Doutorando no PPGMUS / UFBA
e-mail: rcdavila@yahoo.com

Sumário:

Com o propósito de refletir o discurso da prática pedagógica da Prof^a Odette Ernest Dias — aplicada aos alunos (multiplicadores) do curso de flauta da Universidade de Brasília entre 1974 a 1994 — como ponto de partida para delinear sua maneira de ensinar, o artigo salienta três princípios norteadores da professora observados em seu discurso, para posteriormente abordar sua ideologia e visão de mundo. Em seguida apresenta a sua maneira de ensinar, os resultados de seu trabalho e as considerações finais. Como subsídios à reflexão foram utilizados documentos de próprio punho da professora, um artigo de Barreto e uma entrevista concedida ao pesquisador.

Palavras-Chave: Odette Ernest Dias, Prática Pedagogia, Flauta, UnB

Introdução: objetivo e justificativa

Este trabalho tem como propósito refletir o discurso da Prof^a Odette Ernest Dias sobre sua prática pedagógica¹ — aplicada aos alunos do curso de flauta na UnB (bacharelado e licenciatura) durante os anos de 1974 até 1994, período em que ela foi docente do Departamento de Música do Instituto de Artes da Universidade de Brasília (UnB) — como ponto de partida para delinear a maneira de ensinar da professora.

Detentora de um currículo de incontestável relevância para a história da flauta transversal no Brasil, francesa, naturalizada brasileira, hoje, aos 77 anos e em plena atividade, a professora tem uma importante participação no processo de formação de um número muito grande de flautistas, no Brasil, desde 1952². Além de lecionar na UnB, onde foi responsável pela formação de um significativo número de flautistas que vêm atuando no cenário musical local, nacional e internacional, lecionou ainda no Conservatório Brasileiro de Música, na Pró-Arte, ambos no Rio de Janeiro e em cursos e festivais de música realizados em cidades como Ouro Preto (MG), Diamantina (MG), Belo Horizonte (MG), São João del Rei (MG), Curitiba (PR), Brasília (DF), Montenegro (RS), Belém (PA), Recife (PE), Juiz de Fora (MG), Vassouras (RJ), Pelotas (RS), Campos do Jordão (SP), Fortaleza (CE), Goiânia (GO), Uberlândia (MG), Teresópolis (RJ), entre outras.

Assim, pela importância da Prof^a Odette no ensino da flauta no Brasil nos últimos 54 anos e por acreditar que a prática pedagógica desenvolvida por ela pode transformar-se em um referencial ao ensino da flauta transversal no Brasil, me proponho a desenvolver este trabalho, que visa a descrever e dar visibilidade a tal prática, pois, como bem disse Tourinho (1998, p.197):

A área de Execução Musical no Brasil se ressentia da ausência de trabalhos escritos que registrem soluções encontradas por executantes e professores de instrumento. Uma quantidade expressiva de intérpretes e professores ainda não vê como necessidade e de

¹ O conceito de **prática pedagógica**, aqui estabelecido, vai ao encontro do pensamento de Cunha (1989, p.105), que o delimita como “a descrição do cotidiano do professor na preparação e execução de seu ensino”.

² Ano que a professora chegou ao Brasil, vinda de Paris, para integrar-se à Orquestra Sinfônica Brasileira.

importância o fato de registrar e perpetuar por escrito o seu trabalho docente ou executante e considera a pesquisa sistemática não pertinente ao seu campo de ação.

Subsídios à reflexão

Como subsídios à reflexão que aqui apresento, foram utilizados dois importantes documentos de próprio punho da professora: uma “carta livro”³ datada de 11/06/03 e uma “carta documento”⁴ datada de 30/04/05. Além destes documentos, foi utilizado um artigo de Barreto (1999) e uma entrevista semi-estruturada, não publicada, realizada em 22/01/06. Como referenciais teóricos para embasar a discussão pedagógica que trago, foram utilizados autores como Schön (2000), Bordenave (2002), Mizukami (1982), Beineke (2000/2001), Tait (1992), entre outros.

A propósito da reflexão

Refletir acerca do discurso da Prof^a Odette sobre sua prática pedagógica exige naturalmente um diálogo com outras áreas do conhecimento, uma vez que a prática pedagógica de cada professor está estreitamente associada com sua história pessoal, seus valores e sua bagagem cultural. Isto pode ser reforçado pelo pensamento de Pacheco (1995b, apud Beineke, 2000, p.10) que declara: “aquilo que o professor faz e pensa é o resultado de um processo pessoal de raciocínio e ação pedagógica, determinado por um acto de ensino e por um quadro de valores, crenças, projectos, etc...”

Assim, torna-se imprescindível não deixar de relacionar o discurso desenvolvido pela Prof^a. Odette com a Educação — em particular com o campo de pesquisa que diz respeito ao “pensamento do professor” — com as Ciências Sociais e com a Psicologia da Educação. Acredito que assim, a partir de uma reflexão mais abrangente, pode-se perceber com mais clareza que as declarações apresentadas pela professora não são descabidas e que existe uma lógica a qual pode ser muito bem justificada com a ajuda dessas outras áreas do conhecimento, ainda que os fundamentos teóricos dessas declarações, assim como de suas ações, não sejam explicitamente mencionados.

De acordo com Mizukami et alli (1998, p.492, apud Nono e Mizukami, p.1), por “pensamento do professor” são entendidos “processos tais como percepção, reflexão, resolução de problemas, tomada de decisão, relacionamento entre idéias, construção de significados etc”. Beineke (2000, p. 9) argumenta que “as pesquisas sobre o pensamento do professor têm o objetivo de compreender a forma como ele concebe e justifica suas ações pedagógicas, seus problemas, seu fazer e o contexto que delimita a sua atuação”.

Refletindo acerca do discurso sobre a prática pedagógica da Prof^a Odette, percebe-se em alguns momentos um tom empírico, que vai ao encontro daquilo que Clandinin (1985); Elbaz (1981) e Schön (1983) (apud Beineke, 2000, p.3) argumentam sobre conhecimento prático: “é definido como um tipo particular de conhecimento produzido pelos professores na prática e para a prática, incluindo as suas experiências pessoais e sua visão de mundo”. Assim, de acordo com a professora:

como eu mesmo vim ao ensino, como me tornei professora - eu não estudei especificamente para isso – veio normalmente ao decorrer das solicitações – Me torno professor a cada dia – com experiências novas, gratificantes ou não – novos alunos – novas situações – novo contexto. (Carta Documento, 30/04/2005, p.1)

[...] o que faço hoje, é o resultado de anos de vivência musical e sobretudo humana que me permitiram desenvolver as sementes que recebi desde minha infância: uma visão do mundo” (Carta Livro, 11/06/03, p.6).

³ Título dado conforme sugestão da primeira página do manuscrito.

⁴ Idem.

Além do exposto, considero importante ressaltar sua paradoxal declaração sobre seu sistema de ensino: “Meu sistema, se é que existe, é justamente a ausência de sistema – ainda mais aqui no Brasil, onde a experiência individual é básica, diferenciada, por isso mesmo riquíssima. Isso pede o maior respeito” (Carta Documento de 30/04/05, p.1). Curiosamente, se ela nega a existência de um sistema, ela se contradiz quando apresenta os **“Comportamentos ou ‘métodos’ de ensino meu”**, através da mesma Carta (p.3).

Como pressuposto básico, acredito que a Prof^a Odette tenha o seu sistema de ensino muito bem estruturado, ainda que ela não o admita. Observando atentamente o discurso da professora, percebo três princípios que permeiam suas atitudes, seja como ser humano, artista e pedagoga: **respeito, tato e envolvimento**. Tais princípios são perfeitamente identificáveis em sua prática e podem ser correlacionados com algumas correntes pedagógicas atuais. Sobre eles têm-se:

Respeito: refere-se a sua atitude frente a si mesma e ao outro. É a consideração, a importância que ela dá a cada ser humano, a cada aluno. Foi aquilo que ela absorveu de mais forte no processo de sua formação, tanto no ambiente familiar quanto no ambiente do Conservatório de Paris, com seu professor de flauta, Gaston Crunelle. Conforme ela diz: “Cada um tem um tipo de expressão sonora, como existe no bocal. Você não pode mudar, dizer que o som dele é feio, que o som dele não é... O som tem que ser afinado e tudo, legato e tudo, mas o timbre de cada um, pertence a cada um, isto é a expressão de cada um”.(Informação Verbal)⁵. Percebe-se nitidamente o respeitar a maneira de ser de cada um, às individualidades, valorizando a pluralidade.

Tato: refere-se a sua maneira de perceber cada ser humano, cada aluno; sua sensibilidade frente ao outro. É o tino, a prudência, a cautela e a sabedoria no uso das palavras, na maneira de tomar atitudes. “Você tem que observar muito bem a pessoa que você tem na sua frente. Observar muito bem o aspecto físico, a voz da pessoa, a maneira de olhar. Aí você começa, né!” (Informação Verbal)⁶. Ou ainda: “O que eu acho essencial no meu ensino é descobrir a personalidade de cada um, ouvir e procurar desenvolvê-la”.(“Carta Livro”, em 11/06/03, p.7). De acordo com Rogers (1969, apud Bordenave, 2002, p.48), “o facilitador deve saber escutar com empatia, isto é, colocando-se no lugar de quem lhe fala”.

Envolvimento: é sua maneira de atuar, a troca de experiências e conhecimentos de maneira generosa e prazerosa. É também a sua maneira de cativar, de prender a atenção, de encantar. Neste sentido é importante observar como ela se manifesta em relação aos seus alunos: “Um de meus maiores pontos de orgulho é de constatar que muito poucos dos alunos que tive, principalmente em Brasília, se desviaram do campo da música”. (“Carta Livro”, em 11/06/03, p.6). Ainda: “Meu ensino era e é esse – ultrapassa o terreno da flauta, da execução musical instrumental”. (Carta Documento, em 30/04/2005).

Assim, torna-se claro que, para a Prof^a Odette, a educação assume um significado mais amplo, indo ao encontro do pensamento de Mizukami (1982, p.44), que diz “trata-se da educação do homem e não apenas da pessoa em situação escolar, numa instituição”.

A seguir, visando a uma reflexão aprofundada e a um delineamento atento da maneira de ensinar da professora, considero pertinente abordar sua ideologia e visão de mundo, seguindo a idéia de Pacheco (1995b, p.48, apud Beineke, 2000), anteriormente citada (p.2, §2), que liga esses aspectos à prática pedagógica dos professores.

⁵ Dias, Odette Ernest. Odette Ernest Dias: entrevista [22 de janeiro de 2006]. Entrevistador: Raul Costa d’Avila. Santuário do Caraça/MG: Não publicada

⁶ Ibid.

Ideologia

Ao refletir sobre o conjunto de idéias, valores, opiniões, crenças e a conduta pedagógica da Prof^a Odette, percebem-se influências em suas ações diretamente relacionadas ao seu pai e ao seu professor de flauta do Conservatório de Paris, Gaston Crunelle, ainda que ela argumente: “mas talvez ele [Crunelle] me influenciou na idéia de eu ser eu mesma, mais do que tudo, né?! Mais do que tudo”. (Informação Verbal)⁷. Se tal afirmação foi mencionada como justificativa de suas ações, a argumentação demonstra veladamente a sensibilidade de Crunelle como educador, sensibilidade que Odette não só captou como também utilizou com seus alunos.

Deste modo, ao mesmo tempo em que a ideologia humanista⁸ prevalece em suas ações, a professora revela sua crença no **relativismo cultural**, por acreditar e defender a validade e a riqueza de qualquer sistema cultural. Neste contexto ela tem no **respeito** o seu grande norteador, seja nos aspectos humano, artístico ou pedagógico. Aliados ao respeito, como já apresentado, têm-se o **tato** e o **envolvimento**, princípios que articulados com a liberdade caracterizam sua forma de ensinar, de atuar musicalmente, de pensar, de agir, enfim, de ser humana. Isto pode caracterizar muito bem o que Schön (2000, p.22) denomina como “perspicácia”, “talento”, “intuição”, ou “talento artístico” no modo de portar-se profissionalmente.

Visão de Mundo

Embora a visão de mundo de cada indivíduo seja muito particular, acredito ser possível pontuar alguns acontecimentos que contribuíram ao processo de formação de alguns princípios, pontos de vista e convicções que determinaram a atitude da Prof^a Odette em suas ações enquanto ser humano, artista e professora. Antes disso, porém, é importante introduzir o conceito de visão de mundo, apresentado por Krapívine (1986, apud Carvalho, 2003, p.24), que foi utilizado como referencial nesta análise. A este respeito ele diz:

Pode-se definir o conceito de visão de mundo o que se refere ao conjunto de princípios, pontos de vista e convicções que determinam a atitude do ser humano em relação à realidade e a si próprio, a orientação da atividade de cada pessoa concreta, grupo social, classe ou sociedade em geral. A tarefa explicativa do mundo, ou seja, a própria elaboração da visão de mundo, sempre foi tarefa da filosofia que, não sendo atemporal, apreende, em pensamentos a sua época. Isto significa dizer que o processo de produção de conhecimento também se determina pela forma como os homens se organizam em sociedade.

Ainda que a Prof^a Odette tenha crescido em um ambiente bastante duro, conforme ela mesma declara, sua educação era completamente livre de qualquer preconceito racial, religioso, cultural e nacional, conforme “Carta Livro”, em 11/06/03 (p.2). Este fato se deve, entre outras coisas, à visão dos pais sobre o conceito de educação.

De acordo com Barreto: “Odette foi adolescente num tempo de restrições e valorizava muito a companhia e o pensamento das pessoas. Fatores como a falta de liberdade durante a guerra, a perda de amigos judeus, a perseguição, a violência do dia-a-dia e o engajamento político de seus pais foram decisivos para a formação de sua personalidade”. (Barreto, 1999).

Do ambiente de sua casa em Paris guarda a lembrança de que as pessoas que por lá circulavam eram, na sua maioria, de língua e países diferentes. Isto a fez perceber, conforme ela mesma disse, que “o mundo era maior de que um só país, que a nacionalidade (que pode

⁷ Ibid.

⁸ Conforme Mizukami (1982, p.37-38), essa abordagem dá ênfase às relações interpessoais e ao crescimento que delas resulta, centrado no desenvolvimento da personalidade do indivíduo, em seus processos de construção e organização pessoal da realidade, e em sua capacidade de atuar, como pessoa integrada.

mudar sempre) não representa uma cultura, que as fronteiras são linhas fictícias e arbitrárias, que a cultura nasce dos gestos, das falas, das músicas, das culinárias, das religiões, representativos e equivalentes no mundo inteiro”. (“Carta Livro”, 11/06/03, p.1). Isto, provavelmente, além de ter contribuído para o processo de formação de sua concepção de cultura, contribuiu ainda para o início da percepção e do desenvolvimento do relativismo cultural ao qual me referi anteriormente, uma vez que é notória sua crença e defesa pela validade e a riqueza de qualquer sistema cultural.

Conforme foi observado, na educação da Prof^a Odette e seus irmãos, a música foi uma aliada importante no processo proposto pelo pai. Isto lhe proporcionou um envolvimento natural e muito grande com a cultura, que, segundo ela, foi determinante na definição de suas atitudes. A este respeito ela fala: “Considero que, desde a infância, tive a sorte de aprender e viver em casa o que é a cultura e a música, vividas e não assistidas, o que define, acho, minha atitude de hoje”. (Ibid, p.2).

Das lembranças de seus professores, dois deles merecem atenção especial. O primeiro deles trata-se de sua primeira professora de piano, Madame Marguerite Laueffer-Heumann. Com ela, além de aprender teoria, solfejo, ditado e leitura à primeira vista, absorveu a visão musical mais ampla e a idéia de que tocar pode se transformar em uma “festa” (ver p.7, 1^acit.). Com Crunelle, seu professor do Conservatório de Paris, aprendeu respeitar a personalidade e o som de cada um, como já relatei, uma vez que ele não tentava mudar a maneira de cada um se expressar. Além disso, ele ensinava como estudar e insistia na concentração, na memória e presença física.

A sua maneira de ensinar

“O que acho essencial no meu ensino é descobrir a personalidade de cada um, ouvir e procurar desenvolvê-la”. (Carta Livro, 11/04/03, p. 7).

Influências do meio ambiente

Além de muito relacionada com os ensinamentos que recebeu de seu pai no ambiente familiar, parece que sua maneira de ensinar está relacionada ainda com sua professora particular de piano, sua formação no Conservatório de Paris e sua experiência profissional do Rio de Janeiro, onde viveu de 1952 a 1973. Conforme ela declara: “o que faço hoje, é o resultado de anos de vivência musical e, sobretudo, humana que me permitiram desenvolver as sementes que recebi desde minha infância: uma visão do mundo” (Carta Livro, 11/06/03, p.6). Além disso, está relacionado com sua vida em Brasília, seja no contexto social, cultural e político, seja no contexto geográfico, uma vez que ela declara: “A minha própria personalidade se definiu naqueles anos – adquiri uma visão panorâmica do Centro, Planalto Central, para o horizonte de 360°.” (“Carta Documento”, 30/04/05, p.3).

Comportamentos ou “métodos”

No que diz respeito especificamente aos seus “**comportamentos ou ‘métodos’ de ensino**”, ela declara: “sempre provocar, incentivar a curiosidade dos alunos em relação ao universo musical, fazer deles músicos ‘atuantes’” (“Carta Documento” de 30/04/2005, p.3).

Assim, sobre as provas, os concursos, os festivais, as apresentações públicas, o recital de formatura, o repertório e as ementas utilizadas, a professora se manifesta de maneira bastante flexível, como por exemplo: sobre as provas, ela não as aplicava, apenas dizia aos alunos para se inscreverem na pauta das audições públicas quando tivessem vontade e com o repertório preparado. Sobre o repertório, as “ementas” eram flexíveis, abertas a elementos novos, contemporâneos – obras de jovens compositores do departamento, música popular e música eletroacústica Além disso, ela promovia festivais e

encontros com apoio total do departamento, dos colegas e alunos e das entidades oficiais (CNPq, Capes, Embaixadas), visando a dinamizar suas propostas pedagógicas.

Pode-se inferir, assim, através de suas declarações, que embora flexível e informal, existia rigor e, sobretudo, respeito ao aluno, não só por ele em si, como também pelo que cada um representava artisticamente.

O respeito à expressão de cada um

Este aspecto é a base em suas ações pedagógicas. Ao mesmo tempo em que ela deixa transparecer ter absorvido de Crunelle este princípio, dizendo que “Uma das grandes qualidades de Crunelle era de respeitar a personalidade e o som de cada um. **Ele não tentava mudar a maneira de cada um se expressar**, insistindo evidentemente na afinação, legato e timbre. Ele falava ‘de flauta vocês vão saber bastante, importante é a personalidade’ ”. (grifo nosso) (Carta Livro, 11/06/03, p.5); em outra entrevista ela declara: “**mas talvez ele [Crunelle] me influenciou na idéia de eu ser eu mesma**, mais do que tudo, né?! Mais do que tudo” (grifo nosso) (Informação Verbal)⁹.

Como foi dito, este respeito é bastante observado em suas ações pedagógicas e talvez possa ser considerado o elemento que caracteriza sua possível “escola”. Perguntada sobre o que considera essencial em sua maneira de ensinar ela declara: “O que acho essencial no meu ensino é descobrir a personalidade de cada um, ouvir e procurar desenvolvê-la. **Um outro ponto de orgulho meu é que meus alunos tocam todos de uma maneira diferente uns dos outros (até minhas filhas) e atuam em ambientes diferentes. Talvez seja isso a minha ‘escola’**”. (grifo nosso) (“Carta Livro”, 11/06/03, p.7). Assim, conforme se pode perceber, sua atitude com seus alunos, incluindo suas próprias filhas, é de muito respeito, opondo-se a qualquer modelo imposto de sonoridade e expressão, que não seja aquele do próprio aluno.

A técnica pura e o que considera essencial no estudo da flauta

Especificamente sobre a técnica pura, ela se manifesta dizendo que é alvo de críticas, pois para ela técnica é inseparável da arte. Complementa ainda dizendo que a técnica é inseparável da musicalidade, da sensibilidade, da emoção, exemplificando que através das notas longas, das escalas, dos acordes e dos intervalos você pode produzir beleza musical. Assim, para ela “*τεχνη*” *techné* (grego) significa arte – fazer.

Sobre aquilo que considera essencial no estudo da flauta, ela manifesta-se dizendo que é ter alguns elementos básicos de estudo de sonoridade, intervalos, articulações e ritmos baseados em escala tonais e modais. Acrescenta também:

criação de exercícios apropriados às dificuldades de cada peça, cada um no seu estilo; – análise das peças; – conhecimento das partes de piano ou dos outros instrumentos nos conjuntos orquestrais camerísticos; – concentração no tempo de estudo: 20 minutos concentrado é o bastante; – saber parar, relaxar e depois recomeçar [isso evita tendinite!] e confiar no adquirido; – memorização; – desenvolver o prazer de tocar; – tocar em conjunto, em muitos ambientes, uns para os outros; tocar é uma festa. (“Carta Documento” datada de 11/06/2003)

Resultados do trabalho

Os resultados de seu trabalho podem ser observados em vários pontos de suas cartas documentos e também de sua entrevista, além de, obviamente, nos seus próprios ex-alunos que hoje atuam em Orquestras, Universidades, na Escola de Música de Brasília, entre outros locais. O primeiro que posso mencionar, como já o fiz anteriormente, é a maneira diferente que seus alunos tocam em relação uns aos outros, incluindo aí suas filhas. Isto parece ser tão

⁹ Ibid.

importante e significativo para ela, que, além de mencionar esse ponto como fator de orgulho, ela o propõe como possível marca característica de sua “escola”.

Outra questão importante mencionada por ela é a multiplicação impressionante de flautistas que se deu em Brasília durante os 20 anos que ela ensinou na UnB. A este respeito ela declara: “Partindo praticamente do nada em 1974, posso dizer que houve uma multiplicação não “de flautistas”, mas de seres humanos felizes e atuantes, caracterizados pela sua liberdade” (Carta Documento, 30/04/05, p. 3), ou ainda:

Hoje em dia, em Brasília, existe um grupo muito grande de flautistas que se formaram na UnB, sob minha orientação e que tem uma características em comum: uma grande abertura sobre “o que é Música”, repertório, atividades – e que são quase todos ótimos pedagogos, instrumentistas atuando nas orquestras na EMB, na UnB – alguns com mestrados e doutorados no exterior. Alguns deles já formaram novos profissionais. São pelo menos três gerações. (Ibid, p.2)

No que diz respeito ao comportamento de seus ex-alunos, ou à “unidade de comportamento” (expressão que ela utiliza em entrevista em 22/01/06) que apresentam, a professora declara que:

Então eles têm uma união, eu vejo o pessoal lá na Escola de Música lá em Brasília, eles se entendem, no sentido em que eles são curiosos, são pessoas que procuram novidade, procuram repertório novo, tudo eu passei para eles, música contemporânea, interesse também pela música brasileira, então isso aqui, essas coisas, curiosidade, de saber passar por cima dos preconceitos, talvez uma coisa que eu passei para eles. A unidade eles têm na forma de expressar, diferente [...] realmente essa questão da ausência de preconceito, curiosidade, a modernidade, o prazer de tocar. (Informação Verbal)¹⁰

Considerações Finais

Como se pode perceber, a tarefa de refletir acerca do discurso da Prof^a Odette Ernest Dias sobre sua prática pedagógica – aplicada aos alunos do curso de flauta na UnB entre 1974 a 1994 – como ponto de partida para delinear sua maneira de ensinar, exige investigações que não se limitam ao âmbito musical. Naturalmente, com um olhar mais abrangente, as declarações apresentadas pela professora tornam-se mais compreensíveis, podendo-se perceber uma lógica, uma organização em suas idéias as quais podem configurar seu sistema de ensino.

Inspirado em Beineke (2001, p.89), pode-se dizer que o discurso da Prof^a Odette revela que ela se apropriou muito bem de distintos referências teóricas, os quais foram incorporados aos seus conhecimentos práticos configurando sua teoria de ação, o que também pode justificar muito bem seu sistema de ensino. Ainda nesta direção, talvez a declaração da professora sobre seu sistema de ensino seja justificada pelo fato de que, conforme Sacristan (1995, p.78, apud Beineke, 2001, p.89): “[...] cada tarefa do docente exige conhecimentos específicos, sendo diferente o grau de apoio e a influência da componente pessoal face à do fundamento científico”. Beineke ainda complementa dizendo: “Segundo o autor, essa é uma das causas que levam os professores a desconsiderarem o saber pedagógico sistematizado e agirem de acordo com suas convicções ou mecanismos adquiridos através da socialização no seu contexto de atuação”.

Portanto, a partir da ideologia e visão do mundo da Prof^a Odette, percebe-se que seu sistema de ensino é delineado por uma abordagem humanista, reflexo de sua experiência de vida e de sua constante luta pela liberdade, valorização das individualidades e culturas, experimentações individuais e respeito ao ser humano, aliados a sua imaginação e criatividade. Isto, além de ter contribuído para quebrar barreiras e romper com preconceitos, promoveu um método, um sistema de ensino peculiar que gerou alunos **multiplicadores**.

¹⁰ Ibid.

Esta análise vai ao encontro do pensamento de Tait (1992, p.525) que diz: “Professores de música bem-sucedidos desenvolvem muitas estratégias e estilos para atender as várias necessidades de seus alunos. Assim sendo, **não existe um melhor estilo para ensinar música, e sim um repertório de estratégias e uma variedade de estilos**”. (grifo nosso)

Referências Bibliográficas

- Barreto, Tainá Dias. (1999). Migrações. *Pattapio* - Informativo da Associação Brasileira de Flautistas. Nº 15 [p.8-9].
- Beineke, Viviane. (2000). “O Conhecimento Prático do Professor de Música: Três Estudos de Caso”. Dissertação de Mestrado em Música. Instituto de Artes UFRGS, Porto Alegre.
- . (2001). Teoria e Prática Pedagógica: encontros e desencontros na formação de professores. *Revista da Associação Brasileira de Ed. Musical*, Nº 6, p. 87-95.
- Bordenave, Juan Díaz e Adair Martins Pereira. (2002). *Estratégias de Ensino-Aprendizagem*. Petrópolis: Vozes.
- Carvalho, Marisa Araújo. (2003). “Relação Conceitual: Visão de Liderança e Inteligências Múltiplas”. Dissertação de Mestrado em Mídia e Conhecimento. UFSC, Florianópolis.
- Cunha, Maria Isabel da. (2004). *O Bom Professor e sua Prática*. Campinas: Papyrus.
- Mizukami, Maria da Graça Nicoletti. (1982). *Ensino: As Abordagens do Processo*. São Paulo: EPU.
- Nono, Maévi Anabel e Maria da Graça N. Mizukami [2006]. *Aprendendo a Ensinar: Futuras Professoras das Séries Iniciais do Ensino Fundamental e Casos de Ensino*. Disponível em www.ufscar.br/~ppge/metod/resumos/metodologia/2001mest-metod_nono.pdf. Acessado em [26/02/2006].
- Schön, Donald A. (2000). *Educando o Profissional Reflexivo*. Trad. Roberto Cataldo Costa. .Porto Alegre: Artmed Editora.
- Tait, Malcolm J. (1992). Teaching Strategies and Styles. In Richard Colwell (Ed.) *Hand-book of research on music and learning*. New York: Schirmer Books [p.525-535].
- Tourinho, Cristina. (1998). Espiral do desenvolvimento musical de Swanwick e Tilman: um Estudo Preliminar das Ações Musicais de Violonistas Enquanto Executantes. In *Anais da ANNPOM*. XI Encontro Nacional da ANNPOM, Campinas, [p.197-200].